

1º lugar na lista do *New York Times*

cameron.

ANGIE THOMAS

Tradução de Regiane Winarski



THE HATE U GIVE

MANUAL DO PROFESSOR

cameron.

ANGIE THOMAS

O ÓDIO

QUE

VOCÊ

SEMEIA

THE HATE U GIVE

Tradução
Regiane Winarski

MANUAL DO PROFESSOR

cameron

Elaboração do manual:

Danielle Cristina Mendes Pereira
Doutora em Literatura Comparada e
professora de Estudos Literários

Título	O ódio que você semeia
Páginas	384
Autor (a)	Angie Thomas
Tradutor (a)	Regiane Winarski
Idioma	Língua Portuguesa
Categoria	6 (Ensino Médio)
Tema (s)	Vulnerabilidade dos jovens; protagonismo juvenil; diálogos com a sociedade
Gênero Literário	Romance
Interdisciplinaridade	História, Música e Geografia

Desde fins do século XVIII, chamamos de romance à categoria ficcional que pertence ao gênero narrativa. A forma literária romanesca desenvolve-se em um texto longo, escrito em prosa e dividido em capítulos. Surge como uma arte burguesa, focada nos dramas amorosos e familiares desta classe social, e amplia-se, posteriormente, para a reflexão sobre temas e contextos plurais. O pensador Georg Lukács considerou o herói romanesco um anti-herói, um herói problemático, que erra, hesita e não tem certezas. Na contemporaneidade, o romance tende à fragmentação da discursividade tradicional e ao diálogo com outras linguagens, sobretudo a do cinema.

CONVERSA COM O PROFESSOR

Caro professor,

A literatura fala e, ao fazê-lo, desdobra o seu potencial de nos impactar e de ampliar as nossas percepções sobre a vida. É preciso narrar, especialmente diante de um mundo com tantas injustiças, preconceitos e desigualdades. Narrar é algo inerente ao ser humano e uma forma de reafirmar a vida. O pensador Tzvetan Todorov sublinha tal ideia ao contrapor o ato de narrar ao silêncio, forma simbólica da morte. Ligada a esse pensamento, podemos pensar as narrativas da personagem Scheherazade, de *As mil e uma noites*, como uma metáfora para o sentido da narrativa como sobrevivência e resistência à morte. Scheherazade vê-se escolhida pelo sultão para passar a noite com ele, que tem por hábito matar todas as moças com quem dorme. Ela, então, começa a lhe narrar histórias como estratégia para enganá-lo e sobreviver.

A obra aborda uma realidade muito próxima a de milhares de jovens alunos e estabelece pontos de reflexão muito instigantes sobre contextos sociais brasileiros. Sua linguagem é acessível, escrita em ritmo veloz e diálogos ágeis, que remetem à linguagem cinematográfica — a obra, aliás, será adaptada para o cinema. Dialoga com o público juvenil tanto pelos elementos apontados, quanto pelas referências ao universo pop e à cultura adolescente, como à obra de Harry Potter, por exemplo. Ao contar a sua história, Starr, a protagonista de dezesseis anos, abre espaço para dialogar com questões sociais fundamentais e sensibiliza o jovem leitor, que encontra em sua fala empatia e lugar para pensar sobre a sua potência como sujeito transformador.

O romance *O ódio que você semeia* é também uma narrativa que põe em primeiro plano a luta contra o silenciamento e a morte. Sua narrativa foca a realidade do gueto americano e a luta por justiça diante de jovens inocentes assassinados. É um modo de fazê-los sobreviver, pela clave da ficção. Apesar do nome, inspirado em uma expressão do *rapper* americano Tupac Shakur, a obra não faz elogio ao ódio, mas à resistência contra a injustiça diante de uma sociedade desigual e opressora, na qual a principal arma usada pelo jovens deve ser a sua voz, a expressão de seu pensamento, o reconhecimento de seu direito de protestar e o seu protagonismo.

QUEM ESCREVEU A HISTÓRIA

Em 1988, na cidade americana de Jackson, no Mississippi, nascia a escritora Angie Thomas, cujo verdadeiro nome é Angela. Ela se formou em Escrita Criativa na Universidade de Belhaven, mas sua educação não se deu apenas pela via formal. Fora da universidade, Angie cursou e se formou como uma *rapper*. Essa mescla entre fontes de conhecimento distintas mostra a compreensão da autora da pluralidade cultural e seu modo de valorizar manifestações culturais distintas, inclusive as provenientes da cultura pop, que ocupam um lugar importante em *O ódio que você semeia*, sua primeira obra, publicada em 2017. O livro recebeu vários prêmios, o que destaca o talento da jovem escritora.

Em suas entrevistas, ela demonstra sua consciência sobre a obra ser um modo de protestar, resistir e refletir acerca de um contexto que ela conhece por experiência própria, o de ser jovem e negro e passar por situações

de racismo e opressão. Ela conta que escreveu a história após ter lido sobre a morte do jovem Oscar Grant, de 22 anos. Grant estava desarmado e foi alvejado pelas costas por um policial. Diante desse cenário, Thomas propõe aos seus leitores que façam como sua narradora protagonista, Starr, e tenham coragem para se expressar, falando alto e para todos. Destaca na narrativa o poder da consciência e da dignidade. A escritora encara a construção da personagem, uma jovem consciente, como uma declaração de apoio às jovens moradoras dos guetos: “Starr foi a minha carta de amor para tantas garotas que conheci, que viveram em vizinhanças como a minha”.

Angie também viveu a experiência de ocupar um entrelugar em contextos étnicos e culturais distintos, tal qual Starr no romance. Como a personagem, ela também frequentava uma escola em um bairro de classe alta, enquanto morava em um gueto, no qual convivia com uma realidade violenta. Ela conta que um dia, aos seis anos, viu policiais atirarem a esmo; sua mãe, então, a levou a uma biblioteca, para que ela soubesse que o mundo não era só aquele lugar. A defesa da educação como forma de resistência, tão presente na vida da autora, é também uma das bases do livro.

Foi Regiane de Luna Freire Winarski quem traduziu esta e muitas outras obras. Ela nasceu no Rio de Janeiro, em 1972 e se diz viciada em Internet e apaixonada por livros, o que mostra que redes sociais e leitura de livros

podem muito bem combinar. Formada em Produção Editorial pela UFRJ, Regiane já foi professora de Língua Inglesa. Em entrevista, afirmou que se sente realizada em seu trabalho de tradutora e que o adora.

MERGULHO NO LIVRO

O ódio que você semeia é um romance recente e muito premiado — laureado com o William C. Morris Award, o Michael L. Printz Award Honor, o Coretta Scott King Award Honor e o Waterstones Children’s Book Prize. Além disso, a autora foi por ele laureada com o Walters Dean Meyers Grant, na categoria “We need diverse books” (“Precisamos de livros diversos”). O reconhecimento do livro deve-se muito à capacidade da narrativa provocar a identificação dos leitores e a reflexão crítica sobre as questões sociais. Situa-se em diálogo profundo com o cenário dos movimentos ativistas negros nos anos 2000, como o Vidas Negras Importam (Black Lives Matter).

Surgido nos Estados Unidos, em 2013, o Vidas Negras Importam tomou dimensão internacional em sua luta contra a violência sofrida pelos negros americanos, assim como contra o racismo e a desigualdade no sistema

policial e judicial. As mídias sociais ocupam um lugar central na divulgação do movimento, que começou com a disseminação da hashtag #BlackLivesMatter, depois da Corte americana absolver George Zimmerman do assassinato de Trayvon Martin, jovem negro que estava desarmado no momento de sua morte. Na obra, as mídias sociais destacam-se como instrumento privilegiado de difusão da resistência e da luta contra a opressão e a injustiça.

Os movimentos negros são referências significativas na obra. Mostrados em uma dimensão dialógica entre passado e futuro, ressaltam as experiências culturais negras e seus elos de transmissão. Através das conversas entre a protagonista, seus amigos e seus pais, várias referências são discutidas. Demonstra-se através delas o reconhecimento e a partilha de uma história de luta presente em marcos culturais distintos e tecidos em temporalidades várias, porém convergentes, como o twitter negro (black twitter), o legado de Martin Luther King, e, sobretudo, a música de Tupac e o movimento dos Panteras Negras.

Tupac Shakur foi um dos mais importantes expoentes do rap americano dos anos 1990. Seu nome completo era Tupac Amaru Shakur, em referência a dois líderes rebeldes, o imperador Inca Tupac Amaru, e seu bisneto, Tupac Amaru II. O rapper nasceu em 1971, em Nova York. Seus pais eram membros dos Panteras Negras.

Tupac é uma referência importante no livro. A sua ideia de *Thug Life* vincula-se ao título da obra de Angie

Thomas e é um apoio para a protagonista analisar a situação dos jovens negros frente a mecanismos sociais excludentes. *Thug Life* é o título de um álbum, de uma música (“Thug 4 Life”) e de um movimento social antiviolença criado pelo cantor, que tatuou a expressão em seu abdômen. Em inglês, a expressão significa “vida bandida”, mas Tupac também a propôs como uma sigla para a frase “The Hate U Give Little Enfants Fucks Everybody” ou “O ódio que você passa para as criancinhas ferra todo mundo”.

Outra referência significativa, como dito, é o movimento ativista negro dos Panteras Negras, contra a opressão e a violência voltadas aos negros, fundado na década de 1960 por Huey Newton e Bobby Seale. Ao fundarem o Partido dos Panteras Negras, seus membros propuseram dez pontos a ser seguidos, referentes à ética, autorrespeito, liberdade e direitos sociais. Esses dez pontos aparecem na sala da casa da protagonista, que os aprendeu com seu pai, quando criança, e são diretrizes fundamentais para a família. O legado dos Panteras Negras é representado como uma tradição da história afro-americana, que começa com as rebeliões dos escravos no século XIX, e que deve ser respeitada e continuada. É por isto que, no fim da narrativa, ao perceber a transformação e a coragem da filha o pai lhe chama de “minha panterinha negra”.

A narrativa divide-se em cinco partes e gira em torno da voz e da vida da protagonista Starr, de dezesseis anos, que também é a narradora. Portanto, é conduzida

por uma voz narrativa autodiegética, que apresenta ao leitor sua ótica limitada sobre os acontecimentos. O fato da obra ser narrada por uma adolescente a aproxima do jovem leitor do Ensino Médio.

Podemos perceber Starr como uma heroína problemática, pois depara-se com suas dúvidas e incertezas, e por vezes toma atitudes equivocadas, o que lhe traz humanidade. Starr circula entre espaços de violência e exclusão, ocupando um lugar que ao mesmo tempo está na vivência com a vizinhança periférica onde mora, de população predominantemente negra, e na escola que frequenta, em um bairro de classe alta.

A narradora-protagonista é filha de um comerciante, Maverick, e de uma enfermeira, Lisa. Seus pais levam uma vida simples e formam um núcleo familiar forte e amoroso, embora tenham vindo de famílias desestruturadas. Isso se aplica, sobretudo, a seu pai. Filho de um gângster, Maverick viu-se sozinho ao ter o pai preso e acabou replicando a vida deste, o que também o levou à cadeia. Ao chegar lá, encontrou seu pai e percebeu o quanto este se arrependeu. Maverick é solto três meses depois, disposto a se afastar do destino do pai. Ele refaz a sua vida, constrói uma família sólida e vira referência para os jovens de sua comunidade. O arco da história do pai de Starr será fundamental na narrativa, pois é ele que imprime à narrativa um tom de esperança no que concerne à transformação de jovens em posição de vulnerabilidade.

A família de Starr se completa com o irmão, Sekani, de oito anos, e Seven, o meio-irmão por lado paterno, de

dezessete anos. Ele é enteado do chefe gângster do bairro, que se torna inimigo de Maverick, quando este se recusa a ser seu cúmplice. Starr foi assim batizada porque seria a luz de Maverick diante da escuridão da prisão. Enquanto o pai está preso, ela é criada pela mãe e pelo tio, o policial Carlos, com quem desenvolve uma relação de afeto e confiança profunda.

O hibridismo cultural e a circulação e deslocamento de bens também percorrem toda a obra, em alinhamento ao cenário supracitado. Evidencia-se em apropriações e releituras de uma série de artefatos culturais, físicos e simbólicos, que vão desde tênis de jogadores de basquete, músicas, danças e, até mesmo, a saga literária de *Harry Potter*, que na leitura do pai da protagonista é uma história sobre luta de gangues. A autora revelou em entrevista que viu em *Harry Potter* um modelo a seguir, pois queria que o protagonismo de Starr na história tivesse autenticidade e na obra de J. K. Rowling ela é obtida pelo fato de que todas as personagens ligadas à vida de Harry são protagonistas da própria história.

Do mesmo modo, aquilo que não costuma circular é trazido à tona: os códigos do gueto, como as cores permitidas e proibidas de cada gangue; os cumprimentos; a relação dos nomes dos jovens negros com a cultura afro-americana; e até mesmo a grande solidariedade da vizinhança, que ao término da narrativa leva à uma grande vitória.

Um ponto a ressaltar na narrativa é a presença de um jogo de espelhamentos, associações e oposições en-

tre as personagens, capaz de desconstruir visões maniqueístas e estereótipos sobre grupos étnicos, culturais e sociais. A circulação de identidades diversas permite a polifonia e a comparação de discursos e pontos de vistas plurais. Assim, há policiais brancos e negros, mal e bem-intencionados; há brancos racistas e brancos solidários às causas negras; há situações de preconceito racial com negros e asiáticos, por exemplo. Nesse sentido, cabe apontar a péssima reação de Maverick ao descobrir que a filha namorava um branco. Ele revela, depois, que não o fez por racismo, mas pela decepção de não ter sido um bom modelo de homem negro para Starr, ao passo que ela responde que ele foi um ótimo modelo de homem.

A narrativa começa com a ida de Starr a uma festa, levada por Kenya, irmã por parte materna de Seven. Ela se sente deslocada, pensa sobre o fraturamento de sua identidade entre universos étnicos e sociais distintos e percebe que não se encaixa em nenhum deles. A sensação de não pertencer de todo está presente em Starr por quase toda a narrativa e evidencia uma série de contradições causadas pelos choques culturais e pelo estranhamento diante da alteridade. Essa sensação só é dominada quando os conflitos decorrentes destes choques saem do estado de latência e emergem, obrigando-a a tomar decisões e a descobrir o poder de sua voz e a legitimidade de usá-la. É um processo que percorre toda a história e que marca a transformação de Starr, que deixa de ser conhecida apenas como “a filha de Big Mav” e conquista o reconhecimento de seu nome e de sua identidade.

Em continuidade, mostra-se Starr encontrando seu amigo de infância, Khalil, após meses sem vê-lo. Ela estranha o fato de ele usar roupas e tênis caros e teme que ele esteja vendendo drogas. Mais tarde, ela descobre que Khalil fora forçado a vender drogas não apenas para sustentar as irmãs e a avó com câncer, mas principalmente para salvar a mãe, uma dependente química, ameaçada de morte pelos traficantes locais.

Acontece um tiroteio; Khalil e Starr fogem do local e saem no carro do rapaz. São parados por um policial, que acaba por assassinar covardemente Khalil, pelas costas, ao confundir uma escova de cabelo com uma arma. É a segunda amizade importante que Starr perde de modo violento. A primeira foi Natasha, assassinada aos dez anos, enquanto brincavam. Nunca se soube quem a matou. Por conta do episódio, os pais de Starr matricularam os três filhos na escola onde ela estuda na trama, pois poderiam passar o dia seguros.

A perda de Khalil abate Starr, sua família e toda a comunidade. Como única testemunha do crime, Starr enfrenta o dilema de escolher entre a justiça e a sua exposição, que poderia acarretar ainda mais violência. Incentivada pelo tio, ela depõe para a polícia, mas nada acontece, exceto o afastamento deste quando agride o policial assassino, ao saber que ele apontou a arma para a sobrinha. A sensação de impotência é partilhada por todos da comunidade e instiga uma onda de protestos. A situação mexe com Starr, que no entanto só concorda falar publicamente quando assiste na TV a um progra-

ma manipulador, que apresenta o policial e seu pai o defendendo.

Pari passu, Starr enfrenta uma série de conflitos pessoais. Tem que lidar com uma amiga racista e não sabe como agir em relação ao namorado, Chris, um rapaz branco e rico. Sofre ao ver situações injustas enfrentadas por seu irmão e seu pai. O racismo, explícito ou velado, é exposto com sensibilidade na obra.

Acontece o julgamento do policial e o resultado final é a sua absolvição. Uma onda de revolta toma conta de Starr. Ela decide expor todo o seu ódio e vai com Seven, Chris e o amigo DeVante às manifestações. DeVante é um personagem que estabelece uma relação de espelhamento invertido com Khalil. Extremamente carentes e sem terem como sobreviver direito, ele e o irmão tornam-se membros da gangue. O irmão é assassinado e ele tenta escapar do esquema. Acolhido pelo pai e pelo tio de Starr, o rapaz consegue abandonar a vida do crime. Volta a estudar e tem a chance de alcançar uma vida melhor e digna, ao contrário de Khalil.

Diante da violência vista nos protestos, Starr compreende que a saída não é a brutalidade, mas o uso da voz como arma política e de transformação. É o que ela faz ao subir o palanque e gritar para os policiais e a multidão que a vida de Khalil importava. Ela fica motivada a se engajar no ativismo.

A chance dada a DeVante sublinha o apelo presente nas ações dos personagens e em seus diálogos para a empatia. Por ela se compreende um sistema que empurra

o jovem para uma vida de erros. Desse modo, em conversa com Starr sobre Tupac e a expressão *Thug Life*, Maverick lhe diz: “Quando os Khalils são presos por venderem drogas, eles passam a maior parte da vida na prisão, outra indústria de bilhões de dólares, ou têm uma dificuldade enorme para conseguir um emprego e muitas vezes acabam vendendo drogas de novo. Esse é o ódio que estão semeando, filha, um sistema elaborado contra nós. Essa é a vida bandida, a vida marginal, a *thug life*”.

No fim da narrativa, Starr alcança a compreensão de seu lugar no mundo e do poder de seu discurso, pois ao se recusar a ficar calada ela manterá viva a voz de Khalil e de todos os outros que morreram vítimas da injustiça e do preconceito, como tantos jovens presentes na realidade brasileira. Ao tratar de assunto tão pertinente e atual, a obra abre espaço para os nossos alunos pensarem sobre caminhos possíveis de representação e protagonismo.

PRÉ-LEITURA

A leitura da obra *O ódio que você semeia* dialoga com várias questões sociais. Seria interessante os professores pesquisarem sobre elas. Para tanto, recomendo a leitura dos artigos “Movimento negro e educação”, de Gonçalves e Silva; “Educação dos direitos humanos e promoção da igualdade racial”, de Silva e Araújo; e, de Wanderson Chaves, “O Partido dos Panteras Negras”, além do livro *Tempos Interessantes*, de Eric Hobsbawm, fonte preciosa para entender o panorama social, cultural e político do século XX.

Neste momento de pré-leitura, sugiro aos professores a promoção do contato do aluno com o cenário dos movimentos ativistas negros, no Brasil e nos Estados Unidos. Além disso, pode-se fazer um estudo sobre o rap e sua possível condição de música de protesto. Nossa sugestão gira em torno das seguintes atividades:

1. Exibição do filme *Quanto vale ou é por quilo*, de Sergio Bianchi. Brasil, 2005, seguido de debate sobre o racismo na sociedade brasileira.
2. Exibição do vídeo *A violência em Charlottesville e a questão racial nos EUA*. Em seguida, conduzir a turma ao debate em uma perspectiva comparativa com a situação dos conflitos étnicos no Brasil, destacando pontos de contato e de divergência. Solicitar aos alunos uma redação sobre o tema.
3. Pesquisa sobre o ativismo negro americano. Divida a turma em quatro grupos e solicitar a investigação dos seguintes temas: revoltas de escravos no século XIX; a luta de Martin Luther King; Movimento dos Panteras Negras; e Movimento Vidas Negras Importam (Black Life Matters). Peça que apresentem a pesquisa à turma.
4. Pesquisa sobre os movimentos ativistas negros no Brasil.
5. Elaboração de texto dissertativo em torno da comparação entre os movimentos ativistas no Brasil e nos Estados Unidos.
6. Conversa sobre Rap (Rythm and Poetry) e Tupac. Explique o título da obra que será lida e apresente um power point sobre a história do rap e a vida de Tupac.

PÓS-LEITURA

Após a leitura, sugerimos a reunião da turma para debate. Explore as principais questões da narrativa; e também o modo como as personagens são construídas; a representação das vivências do gueto; e os embates culturais presentes na narrativa. Pergunte aos alunos quais pontos de contato podemos perceber entre a realidade dos jovens representada na ficção e a dos adolescentes brasileiros.

1. Peça aos alunos para escolherem o trecho que mais gostaram na obra. A partir dele, solicite que escrevam um texto, no qual compare-o às suas próprias experiências e vivências.
2. Discuta com os alunos a expressão *thug life*. Qual é a leitura final da protagonista em relação a esta? Quais caminhos foram encontrados por Starr para a sua luta e resistência? Proponha que a turma se divida em grupos e desenvolva uma conti-

nuação para a história de Starr, mostrando-a anos depois já como uma líder ativista.

3. Aproveite a estrutura da obra, com muitos diálogos e linguagem ágil, e proponha à turma fazer uma adaptação e transformá-la em um filme. Divida a turma em cinco grupos; cada um deve adaptar uma parte. A filmagem pode ser feita com o celular; se não for possível, pode-se adaptar a obra como uma peça teatral.
4. Exiba para os alunos o vídeo *Quem é Angela Davis e por que ela é importante*, com Jaqueline Conceição. Divida a turma em quatro grupos e leia com eles o artigo “Quatro reflexões para conhecer Angela Davis”, de Isabella Moreira. Aproveite a mesma divisão e solicite que analisem cartazes da campanha das Nações Unidas “Vidas Negras”. Peça que compare as proposições de Davis aos apelos da campanha.

INTERDISCIPLINARIDADE

A leitura de *O ódio que você semeia* abre possibilidade ao trabalho interdisciplinar com as áreas de Música, História e Geografia. Nesse sentido, sugerimos as seguintes atividades:

- No momento da pré-leitura, a participação conjunta dos professores das quatro áreas — Língua Portuguesa, Música, História e Geografia — para a orientação dos alunos na pesquisa sobre os movimentos ativistas negros nos Estados Unidos e para a criação de músicas de Rap, em torno dos temas pesquisados.
- Organização de um festival de cinema com filmes que abordem questões pertinentes à vulnerabilidade de jovens e ao seu protagonismo.
- Recomenda-se uma roda de debate, após cada exibição, com os professores e alunos. Pode-se convidar pessoas com referência na área à participação.

- Organização de um sarau em torno do tema “Protagonismo Juvenil”. Pode ter apresentações de música, pintura, poesias, contos, filmes de curta duração e danças.
- Criação de uma oficina de Rap para os alunos.
- Criação de um site sobre os movimentos ativistas negros no Brasil, sob a orientação dos docentes das quatro áreas.
- Construção de um painel coletivo com imagens de obras literárias que tratem de situações de vulnerabilidade juvenil, como, por exemplo, *O Diário de Anne Frank*. Realize uma roda de leitura com os estudantes para cada obra, com posterior discussão. Solicitem que transformem cada livro em uma canção. Organizem um festival na escola para apresentá-las.

PARA SABER MAIS...

- A violência em Charlottesville e a questão racial nos EUA. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VK1WqCzkPaw>>. Acesso em 20 abr. 2018.
- ANGELA Davis: Os EUA têm muito a aprender com o feminismo negro brasileiro. *Revista Cult*, julho de 2017. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/angela-davis-no-brasil/>>. Acesso em 10 abr. 2018.
- CHAVES, Wanderson da Silva. O Partido dos Panteras Negras. *Revista Topoi*, v. 16, n. 30. Rio de Janeiro, jan./jun. 2015.
- CONCEIÇÃO, Jaqueline. *Quem é Angela Davis e por que ela é importante*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HGa8d3uFOt4>>. Acesso em 15 abr. 2018.
- FRANK, Anne. *O Diário de Anne Frank em quadrinhos*. Adaptação de Ari Folman; ilustração de David Polonsky; tradução de Raquel Zampil. Rio de Janeiro, Record, 2018.

- GONÇALVES, L. A. O.; SILVA, P. B. G. Movimento negro e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 15, 2000.
- HOBBSAWM, Eric. *Tempos Interessantes: uma vida no século XX*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- KING, Martin Luther. Além do Vietnã. In: CARSON, Clayborne; SHEPARD, Kris. (Orgs.). *Um Apelo à Consciência: os melhores discursos de Martin Luther King*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- GALLAND, Antoine. *As mil e uma noites*. São Paulo: Casa dos Livros, 2015.
- LUKÁCS, Georg. *A Teoria do Romance*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- MOREIRA, Isabella. 4 reflexões para conhecer o pensamento de Angela Davis. Disponível em: <<https://revista-galileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/11/4-reflexoes-para-conhecer-o-pensamento-de-angela-davis.html>>. Acesso em: 22 abr. 2018.
- PEREIRA, A. M. *Trajetória e perspectivas do movimento negro brasileiro*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- Quanto vale ou é por quilo*. Direção: Sergio Bianchi. Brasil, 2005.
- SILVA, P. V. B.; ARAÚJO, D. C. Educação em direitos humanos e promoção da igualdade racial. *Linhas Críticas*, v. 17, n. 34, fev. 2011.
- TZVETAN, Todorov. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- Vidas negras. Campanha das Nações Unidas. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/vidasnegras/materiais/>>. Acesso em: 20 abr. 2018.



1960

1961

1962

1963

1964

1965

1966

1967

1968

1969

1970

1971

1972

1973

1974

1975

1976

1977

1978

1979

1980

1981

1982

1983

1984

1985

1986

1987

1988

1989

1990

1991

1992

1993

1994

1995

1996

1997

1998

1999

2000

2001

2002

2003

2004

2005

2006

2007

2008

2009

2010

2011

2012

2013

2014

2015

2016

2017

2018

2019

2020

2021

2022

2023

2024

2025